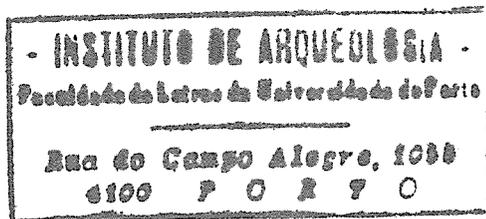


17. ABR. 1988



As gravuras litotrípticas de Ridevides (Vilariça)

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. de Antropologia da F. C. do Porto

A Vilariça é o feracíssimo vale trasmontano que se estende pelos concelhos de Moncorvo, Vila Flor e Alfândega da Fé, desde a Burga, no sopé da serra de Bornes, que o fecha pelo norte, até à foz do rio Sabor onde este se lança no rio Douro, quase no topo da apertada volta com que o Douro abraça o Monte Meão.

Os terraços do rio Sabor formam na porção terminal do vale as afamadas «courelas» da veiga da Vilariça. Graças aos nateiros que as cheias, com a rebofa, nelas depositam, as courelas são dos campos de maior produtividade no nosso país, nomeadamente em milho e em melões.

O vale é percorrido pela ribeira da Vilariça que lhe forma eixo e como que o divide longitudinalmente a meio. Esta ribeira, afluente da margem direita do Sabor, nele desagua a cerca de 2 km de distância do rio Douro.

Terra fértil e água relativamente abundante são factores que justificam, e explicam, a série de aldeias que assentam na orla do vale da Vilariça, bem como as quintas de grande nomeada nele existentes. Numa delas, a Quinta de Ridevides, existem as gravuras de que vamos tratar.

Dada a fertilidade do vale da Vilariça, não admira que, desde sempre, ele constituísse atractivo populacional. Daí a existência de vários elementos arqueológicos que nos permitem dar o vale como habitado desde longa data.

É tradição ter existido um dólmen, ou anta, perto da aldeia da Junqueira, entre esta e a margem esquerda da ribeira da Vilarça, dólmen há muito destruído.

Uns 3 km abaixo, e na margem direita da mesma ribeira da Vilarça, fica a velha Quinta da Pedra d'Anta, topónimo que atesta ter ali existido outro dólmen, ou anta.

Conheço na Vilarça duas estações de arte rupestre, a «pedra escrita de Ridevides», tema deste trabalho, e a «pedra escrita do poço da moura», esta precisamente à borda da margem direita da ribeira da Vilarça no termo de Assares, concelho de Vila Flor. Desta última publiquei uma fotografia de conjunto na fig. 18 do trabalho *Arte Rupestre* (1), e na primeira oportunidade espero fazer a sua publicação integral.

Citarei ainda as gravuras rupestres em penedos do Castro do Baldoeiro (*Civitas Baniensis*) que se interpretam como representações de serpentes. De facto, na base dum enorme rochedo, ali se vê gravada uma serpente com 1^m,85 de comprimento, na qual se distingue uma dilatação correspondente à cabeça e um afilamento na extremidade oposta. Pelo seu ondulado, pela dilatação cefálica e adelgaçamento caudal é tão flagrante a representação duma serpente, que o povo chama *Penedo do Cobrão* ao enorme bloco de granito onde foi insculpida. No Castro do Baldoeiro há outras gravuras de serpentes das quais me ocupei num pequeno trabalho (2) apresentado ao Congresso Internacional de Antropologia, realizado em Portugal em 1930.

(1) J. R. dos Santos Júnior, *Arte rupestre*, comunicação apresentada ao I Congresso do Mundo Português, in «Congresso do Mundo Português», Publicações, I Vol., Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História (I Congresso), Lisboa, 1940, págs. 327 a 376, 26 figs.

(2) J. R. dos Santos Júnior, *As serpentes gravadas do Castro do Baldoeiro (Moncorvo — Trás-os-Montes)*, XV Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique, IV Session de l'Institut International d'Anthropologie,

«Castros», há uma série deles nos cabeços que marginam o vale da Vilariça. Conheço os seguintes: Em baixo, junto à foz do Sabor, o castro do «Cabeço dos Carneiros»; depois a «Derruída», resto de povoação medieval muralhada que deve ter sido erguida sobre um reduto castrejo preexistente; em frente o castro do Baldoeiro; depois o da Senhora do Castelo; a seguir o da Junqueira; depois o «Castelo dos Mouros», da Adeganha. Estes, todos do lado do nascente. Do lado poente só tenho conhecimento do «Castelo» da Cabeça Boa e do «Castro de Sampaio» (1).

Na resenha arqueológica da Vilariça há que citar os sete porcos de pedra, «berrões», aparecidos junto da foz do Sabor, na aldeia das Cabanas, no «olival dos berrões» (2). Estão no Museu Etnológico «Dr. Leite de Vasconcelos», de cujas colecções fazem parte como peças arqueológicas do maior interesse.

Podemos acrescentar a ara consagrada às ninfas que há anos encontrei na Quinta do Carrascal, junto da ribeira da Vilariça, e foi publicada em 1953 na revista espanhola «Zephyrus», num trabalho feito de colaboração com o Coronel Mário Cardoso (3).

Por último temos as sepulturas abertas em rochedos de granito, situadas na Quinta da Vila Maior, margem direita da Vilariça, próximo da aldeia das Cabanas.

A Vilariça é pois um recanto trasmontano com certo interesse arqueológico.

Portugal, Setembro, 1930, Actes du Congrès, Paris, 1931, págs. 413-418, com 2 figs.

(1) J. R. dos Santos Júnior, *O Castro de Sampaio*, in «Revista de Guimarães», Vol. LXII, Guimarães, 1952, págs. 299 a 306, 3 figs.

(2) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, Lisboa, 1913, págs. 25 a 28.

(3) J. R. dos Santos Júnior & Mário Cardoso, *Ex-votos às ninfas em Portugal*, in Homenagem a Cesar Moran Bardón, «Zephyrus», Vol. IV, Salamanca, 1953, págs. 53 a 68, 5 figs.

É de crer que numa prospecção cuidada se venham a encontrar mais elementos a valorizar a sua arqueologia.

No presente trabalho vamos estudar a «pedra escrita de Ridevides», que, como veremos, é um importante monumento de arte rupestre.

A Pedra Escrita

O meu primeiro contacto com esta pedra vem do ano de 1931, mercê de uma série de explorações então em curso.

Sobretudo de 1930 a 1935 fiz várias excursões pela província de Trás-os-Montes em pesquisas arqueológicas. Tinha em vista o reconhecimento arqueológico geral e, dum modo especial, o das estações de arte rupestre, para tirar fotografias e fazer desenhos de todos os sinais gravados. Dessa forma pretendia reunir elementos que permitissem a publicação de um *Corpus Petroglyphorum trasmontanum*, à maneira do esplêndido *Corpus Petroglyphorum gallaeciae* (1) publicado em 1935 pelo Seminário de Estudos Galegos, essa notável agremiação científica que ilustra não só a Galiza mas também a Espanha.

As viagens que fiz à África desde 1936 a 1955, como chefe da Missão Antropológica de Moçambique (2), desviaram a minha atenção para problemas de outra ordem.

(1) R. Sobrino Buhigas, *Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*, excelente publicação do «Seminário de Estudios Gallegos», Santiago de Compostela, Galiza, 1935, 61 págs., 87 Est., com 189 figs.

(2) A Missão Antropológica de Moçambique foi criada pelo Sr. Dr. Francisco Vieira Machado, que foi ilustre Ministro das Colónias, como então se designava o ministério do Ultramar. Fizeram-se seis campanhas de trabalhos de campo em África nos anos de 1936, 1937, 1945, 1946, 1948 e 1955. Ao Sr. Dr. F. Vieira Machado quero, mais uma vez, testemunhar a minha gratidão pelo amparo que sempre dispensou aos trabalhos da minha Missão.

PEDRA ESCRITA DE RIDEVIDES

Q^{ta} de Ridevides, termo de S^{ta} Justa, freg.^{ca} da Eucísia, conc. Alfândega da Fé

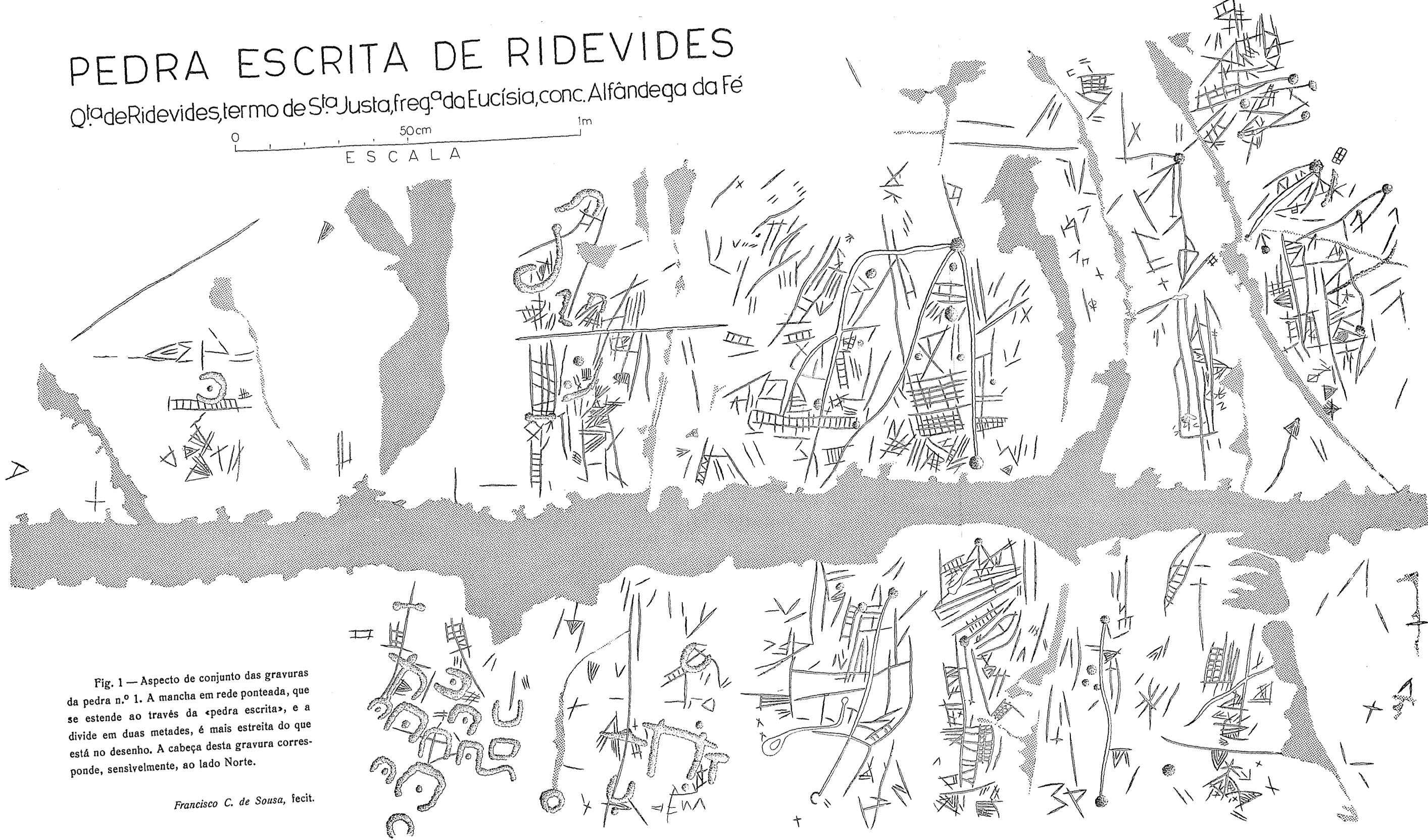
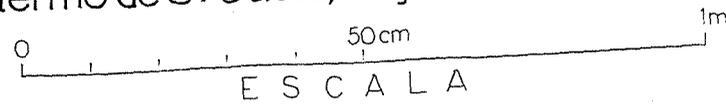


Fig. 1 — Aspecto de conjunto das gravuras da pedra n.º 1. A mancha em rede ponteadada, que se estende ao través da «pedra escrita», e a divide em duas metades, é mais estreita do que está no desenho. A cabeça desta gravura corresponde, sensivelmente, ao lado Norte.

Francisco C. de Sousa, fecit.

Os abundantes materiais colhidos em Moçambique e a importância, não apenas científica mas até política, dos estudos a realizar levaram-me à convicção de que me seriam dadas condições para levar por diante, até final, o estudo da Antropologia daquela nossa província do leste africano.

Em dada altura e superiormente parece não ter sido reconhecido grande interesse em tal estudo visto que os trabalhos de gabinete foram suspensos ex-abrupto, cortando um ano ao quinquénio que havia sido criteriosamente estabelecido em Portaria.

É de crer que, bem pesadas as circunstâncias, haja oportuna reconsideração, e, de novo, se crie ambiente propício ao desenvolvimento dos nossos estudos de Antropologia de Moçambique.

Entrementes volto à Arqueologia trasmontana onde tanto há que estudar.

Muitos e importantes achados conservam-se por assim dizer inéditos, porquanto deles pouco mais se sabe que a sua localização.

No vasto campo da arqueologia trasmontana muito há pois que estudar e, com certeza, bastante para descobrir.

Ocupamo-nos, por agora, da «Pedra Escrita de Ridevides».

Esta pedra é de xisto, de superfície lisa com cerca de 12 m², nivelada com a terra que em parte a cobria, está inclinada para sudoeste em concordância com o pendor da ladeira em que assenta e fica a uns 10 m do regueiro da «canada» que passa junto dela e escoa as águas pluviais para a ribeira da Vilariça, que lhe passa a cerca de 200 m pelo poente.

Julgamos que a superfície onde foram gravados os múltiplos e variados litótribos (Fig. 1), não foi preparada de antemão, mas simplesmente aproveitada nas suas condições naturais.

O nome de «pedra escrita», como o povo a designa, resulta do grande número de traços e múltiplos sinais com que, pode

dizer-se, está quase inteiramente riscada, como bem mostram as fotografias e desenhos que dela publicamos.

Ao lado de cima, e a uns 6 m (Est. I, fig. 4), há outra pedra mais pequena, também rasando com a terra, que tem alguns sinais gravados (Fig. 2). A esta pedra chamaremos a pedra n.º 2 e à maior a n.º 1.

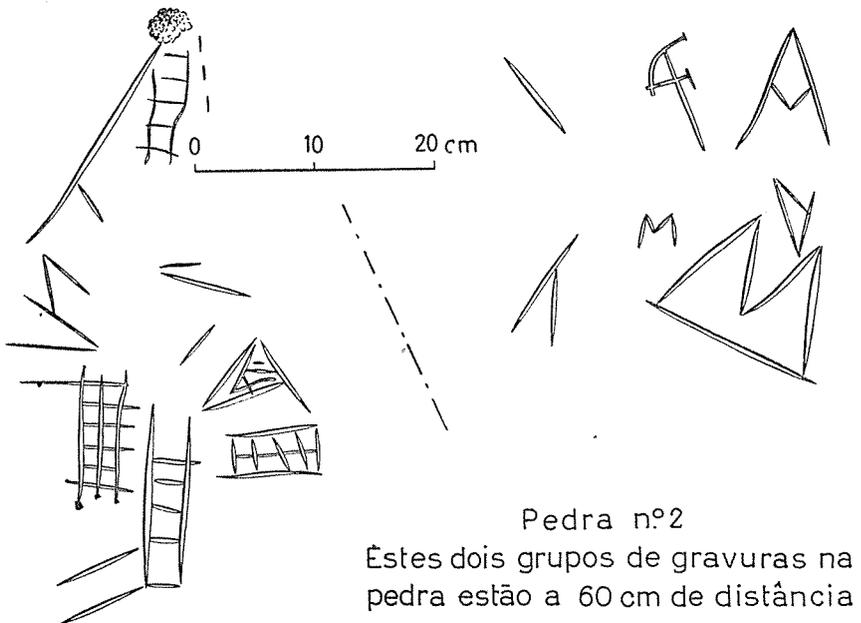


Fig. 2 — Alguns sinais gravados na pedra n.º 2 de Ridevides.

Situação

A «Pedra Escrita de Ridevides» fica ao cimo do Vale da Vilarica, na margem esquerda da Ribeira, a uns 700 ou 800 m para norte da casa da Quinta de Ridevides, em termo da aldeia de Santa Justa, freguesia da Eucísia e concelho de Alfândega da Fé. O sítio ocupa posição extrema no sul deste concelho perto

dos limites que o separam dos concelhos de Moncorvo e de Vila Flor.

Natureza das gravuras

A pedra n.º 1 está, pode dizer-se, cheia de sinais que vamos analisar rapidamente sob o ponto de vista da técnica empregada na sua gravação.

Abundam os traços rectilíneos ou ligeiramente ondulados, formados por sulcos fusiformes, isto é, grossos no meio e aguçados nas pontas, mais fundos na parte média e subindo em rampa para as extremidades onde vêm morrer à superfície da pedra. Estes sulcos, na sua morfologia, lembram os chamados afiadores dos machados neolíticos, que mais devem ter servido para aguçar agulhas ou instrumentos pontiagudos, do que propriamente para aguçar machados de pedra.

Estes traços constituem a grande maioria dos sinais que se vêem na pedra; devem ter sido feitos por fricção, com um instrumento duro, terminado em gume ou ponta, manejado de encontro à superfície a ornamentar, num repetido movimento de vaivém. É possível que a adjunção intermitente de um pouco de água fosse empregada para facilitar o desgaste da pedra, que, como dissemos, é de xisto.

A este tipo de gravuras, com o auxílio do Prof. Francisco Torrinha, chamei *litotrípticas* (1), para contrapor a outro tipo de

(1) J. R. dos Santos Júnior, *Arte rupestre*, cit. Na nota 57, deste trabalho, a pág. 375 do Vol. referido, aludo à criação deste vocábulo.

Senti-me embaraçado para designar os dois tipos de gravuras obtidas por técnicas diferentes, umas picando a rocha, outras esfregando de encontro a ela o instrumento gravador.

Fui consultar o Prof. Dr. Francisco Torrinha, filólogo distintíssimo, a cuja memória presto rendida homenagem, que à minha consulta criou os vocábulos,

gravuras obtidas picando a rocha, e marcando nela o respectivo sinal por ablação de lascas sucessivas que se fazem saltar a pico ou a ponteiro. Para as gravuras deste segundo tipo, também com a ajuda do Prof. Francisco Torrinha, criou-se o termo *litosticticas*.

Na «Pedra Escrita de Ridevides» há também, como veremos, gravuras deste tipo, quase todas em forma de ferradura e algumas sobrepostas a litótribos que foram em parte danificados.

Há ainda alguns sinais, pequenos e finamente riscados. Somos levados a crer que o seu desenho haja sido feito sem demorado, nem intenso, movimento de vaivém do bem aguçado instrumento gravador.

Pedra n.º 1

Esta pedra, como se vê pelas fotografias das figs. 3, 4 e 5, rasa com a terra, que em parte a cobria, tem forma trapezoidal, com 4^m,70 de base maior, 2 m de base menor: os lados medem cerca de 3 m. A pedra tem pois uma área de um pouco mais de 11 metros quadrados. É de superfície lisa natural e ligeiramente inclinada para sudoeste num pendor concordante com o da terra em ladeira onde aflora.

Apresenta um sulco ou estaladela natural que a percorre ao través em toda a extensão, paralelamente à base e sensivelmente na linha leste-oeste (Fig. 5).

Deste sulco partem, para um e outro lado, algumas fendas ou estaladelas, fissuras naturais do xisto.

Os bordos destes sulcos são quase sempre irregulares e denteados. Quem sabe se obra de algum alucinado pesquisador de tesouros?

Litostictico, do grego *lithos* = pedra e *stirtos* = picado; de *stizein* = picar, imprimir marca ou sinal com instrumento agudo ou ardente. *Litotriptico* do grego *lithos* e *tripsis* = fricção; de *tribein* = esfregar.

Na sua obsessão de cobiça os loucos sonhadores com tesouros escondidos julgam-nos encantados em muitos monumentos arqueológicos. Com o livro de S. Cipriano e toda uma série de práticas e artimanhas, com seu quê de bruxaria, procuram quebrar-lhe o encanto.

Em muitos casos a crença ignara admite que no interior das pedras está escondido o tesouro (1). Daí muitas pedras serem

(1) Em Maio de 1960 fiz escavações no sítio da «Pedra da Moura» em Ardegães, freguesia de Águas Santas, concelho da Maia. Ali encontrara, 30 anos antes gravuras rupestres num pequeno penedo implantado na terra e dela pouco saliente e, numa grande pedra solta uma curiosa gravura em xadrez, com algumas covinhas no meio de muitos dos seus quadrados. Manifestei o propósito de salvar esta pedra da fúria destruidora de qualquer louco pesquisador de tesouros levando-a para o Museu do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia», da Universidade do Porto. O dono da pedra prontamente aquiesceu ao meu pedido e deu-me a pedra. Quando, passados dias, me preparava para a carregar e transportar, veio ordem em contrário.

Averigui, depois, que se passara o seguinte.

Como havia pouco fizera escavações na terra em torno da pedra, a coisa deu brado e daí um levante de opiniões sobre aquela «pedra da moura».

Uma filha do dono da pedra foi zunzunada pelas vizinhas e senhoras comadres. Os comentários ferviam.

— Que grande tolice dar aquela pedra para um museu!

— Aquela «pedra da moura» à certa que era sinal dum grande tesouro, e bem podia ser que estivesse dentro da pedra.

— Quem sabe se dentro da pedra estará uma gaveta cheia de libras de ouro.

Estes e outros dizeres corriam de boca em boca.

Ao ouvi-los os vinte e poucos anos da moça, em natural imaginação, deram em sonhar com o tesouro. A filha encontrou na mãe imediata predisposição na aceitação dos seus sonhos.

Quando o sonho se repete três noites a fio, isso então é que dá à imaginação o calor do rubro vivo.

A mãe encarregou-se de zunzunar o homem. Este apertado pela mulher e pela filha voltou com a palavra atrás. A intervenção diplomática do meu amigo

estilhaçadas a tiro ⁽¹⁾ ou quebradas à marreta com a mira de haver à mão o tesouro que supõem metido dentro delas.

Felizmente as gravuras da «pedra escrita», pode dizer-se, foram totalmente ou quase totalmente respeitadas.

O desenho e as fotografias mostram a quantidade de sinais nela gravados, muitas vezes num emaranhado de entrecruzamentos que cria embaraços para o isolamento justo e preciso de cada sinal.

Pedra n.º 2

Esta pedra fica, como dissemos, ao lado e um pouco acima da pedra n.º 1. Dista dela uns 6 m e rasa também com a terra que a cobria quase totalmente. Tem 5^m,50 de comprimento por 1^m,50 de largura. Ao pesquisar o terreno à volta da pedra n.º 1 deparei com estouta pedra e nela alguns traços gravados. Removida a terra que em parte a cobria, apareceram mais sinais. Não reproduzidos, em parte, na fig. 2.

Trata-se dum conjunto relativamente pequeno, constituído por dois grupos. Um, o da esquerda, formado por 2 sinais em grade ou xadrez, dois escalariformes, um triângulo e alguns traços lineares, um dos quais, o maior, tem numa extremidade uma

Coronel Carlos Moreira, Presidente da Câmara Municipal da Maia, abalou a negativa do dono da pedra e esta já está salva e depositada no Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Porto.

(1) O «Penedo de Outeiro Machado», na Abobeleira, arredores de Chaves, é um importante documento da arte rupestre trasmontana. Há poucos anos foi broqueado e estilhaçado numa ponta por um tiro que lhe meteu um louco pesquisador de tesouros, na mira de deitar as unhas à enorme riqueza que a sua imaginação supunha escondida nas entranhas daquele grande bloco de granito.

Bem era que se tentasse repor na posição primitiva o pedaço que lhe foi arrancado a tiro.

covinha e na outra uma bifurcação (Fig. 34). O outro grupo, à direita deste e dele separado uns 60 cm, é formado por 7 sinais em que avultam um conjunto de linhas quebradas, em forma de M, e um sinal em forma de A. São tão diferentes estes dois grupos que devem corresponder provavelmente a duas épocas diferentes.

Nesta pedra há ainda, para baixo e para a direita, uns 5 sinais de traços um tanto apagados; dois são sulcos lineares, outros dois em forma de V alongado, e um em forma de X. É bem possível que este grupo, diferente de qualquer dos anteriores, corresponda a um terceiro período de execução.

Tipos de sinais gravados

No conjunto das gravuras litotrípticas da «pedra escrita» com grande número de sinais insculpidos, há pormenores de certos sinais ou grupos de sinais, embora todos do tipo litotríptico, que traduzem, por assim dizer, o cunho pessoal do seu realizador. Aqueles muitos sinais devem ter sido feitos em diferentes períodos mais ou menos afastados, e por diferentes pessoas.

Daí a tendência natural em isolar os sinais segundo determinantes comuns, das quais a forma é, sem dúvida, a que primeiro orienta a sua separação e subsequente agrupamento.

No complexo daquela multiplicidade há sinais que se dispõem lado a lado ou até parecem ligados entre si por sulcos conjugantes que, no entanto, bem podem ter sido feitos em ocasiões diferentes e com significado à parte da figura global a que parecem conjugados.

O certo é que somos levados a isolar alguns sinais, embora a tarefa nem sempre seja fácil. Aliás o desenho da figura de conjunto e as fotografias, sobretudo as dos moldes de papel mata-borrão (Figs. 24 a 34), permitirão ao leitor fazer a crítica do tentâmen de separação que vamos fazer para algumas figuras.

Na «pedra escrita», por entre sulcos rectos ou ondulados, ligados entre si ou isolados, cruzados, paralelos ou convergentes, há sinais bem definidos que podemos separar nos seguintes grupos ou tipos.

Triângulos: São numerosos os sinais triangulares. Podem contar-se mais de 30. Há-os de várias formas e tamanhos. Uns simples, outros com apêndices, uns com o seu interior riscado, outros lisos.

É curioso um grupo de três triângulos, dois deles geminados ou coalescentes com um lado comum e o terceiro ligado pelo vértice ao vértice dum dos anteriores. O lado comum dos triângulos coalescentes continua-se por um sulco irradiante, sulco a breve trecho atravessado por dois sulcos cruzados, o que dá ao conjunto o aspecto dum cata-vento ou rosa-dos-ventos (Fig. 33).

A tendência imediata é considerar os triângulos da «pedra escrita», mais de 30 como dissemos, como representando pontas de seta. Registe-se que, admitida esta hipótese, as pontas de setas representadas são na sua quase totalidade, de base recta. Há apenas dois triângulos nos quais a base num é ligeiramente côncava, e no outro com tendência à convexidade. Certo é que os triângulos podem ter outra significação. Lembremo-nos, por exemplo, das siglas dos canteiros medievais e das siglas dos pescadores poveiros, que são marca, ou atributo pessoal e familiar.

Escalariformes: Há pelo menos uma dúzia de sinais em forma de escada, uns maiores e outros menores. O maior tem 18 ou 19 degraus. Os mais pequenos só com 3 ou 4 degraus.

Há dois escalariformes parcialmente destruídos quando pica-ram na rocha dois sinais em ferradura. Uma destas ferraduras foi sobreposta a meio de um dos lados da escada (Fig. 31), a outra ao través e quase na extremidade da outra escada (Fig. 30).

Um dos escalariformes, ao contrário de todos os outros, tem os sulcos correspondentes aos degraus oblíquos aos lados da escada formando uma espécie de três VV sucessivos ou, se quisermos, uma linha quebrada de seis traços ou sulcos. É de crer que esta disposição em linha quebrada tenha neste escalariforme, se é que escalariforme se lhe pode chamar, um significado especial. Qual? Não o sabemos. Há muitas incógnitas nas siglas rupestres que tarde ou nunca serão resolvidas.

Enxadrezados: São também doze os sinais de sulcos entrecruzados formando grade ou xadrez. Alguns, simples, são formados por três traços sensivelmente paralelos cortados por um certo número de sulcos ao través. Outros, mais complexos, têm 4 ou 5 traços sobre o comprido, cortados por alguns traços riscados no sentido transversal.

Sinais deste tipo têm sido interpretados como a representação da trama de escudos, e daí a designação de escutiformes que correntemente lhe é atribuída e não me repugna conceder-lhe.

Associação de traços paralelos e convergentes: Há um grande número de sinais que podemos congregar sob a designação geral de associações de paralelas e traços convergentes. O desenho da fig. 1 reproduz alguns desses sinais cuja interpretação cria grande embaraço.

Cruciformes: Há-os de várias formas e tamanhos. Uns simples outros emparelhados. Os sinais em cruz têm sido, e são muitas vezes, interpretados como a esquematização extrema da figura humana. Sendo assim nos 2 sinais cruciformes emparelhados, isto é, duas cruces nas quais os braços duma se continuam com os braços da outra por a mesma linha recta formar os braços das duas cruces postas lado a lado, sendo assim, dizíamos, pode-

ria ver-se nestes cruciformes emparelhados a representação do casal, homem e mulher, ou «couple» como lhe chamam os autores de língua francesa.

Sinais em ampulheta ou cálice: Há pelo menos cinco destes sinais. Podem ver-se dois, nas figs. 24 e 25.

Quadrados e rectângulos: Há só três destes sinais.

Linhas quebradas ou em ziguezague: Há vários sinais deste tipo, sendo por vezes difícil, dado o entrecruzamento dos sulcos, isolar alguns deles. Como é bem natural, os gravados deste tipo assemelham letras maiúsculas tais como: M M, N N ou Z Z, sem que, no entanto, se nos afigure que tenham significado alfabético; daí não os considerarmos como alfabéticos.

Gravuras litostícticas da Pedra Escrita

Embora este trabalho vise especialmente o estudo das gravuras litotrípticas de Ridevides, há que referir as gravuras que foram picadas na pedra, algumas sobrepondo-se e destruindo em parte litótribos anteriores.

Como o desenho de conjunto, fig. 1 e as fotografias das figs. 18 a 21 e 28 mostram, à parte três sinais em ferradura, dois deles sobrepostos a escalariformes, é na extremidade oeste da «pedra escrita» que se distribuem as gravuras litostícticas repartidas em dois grupos. Um, à esquerda, é formado por sinais em ferradura, 7 dos quais com covinha mediana, e dois sinais fechados, um circular e outro quadrangular. Ao lado e por baixo deste há um sinal estranho que parece ser uma ferradura com covinha central, mas em que um dos ramos da ferradura se prolonga em linha ondulada, dando o todo a impressão de um

serpentiforme. Por último temos um sinal na parte superior esquerda que, à primeira vista, dá a impressão de uma ferradura com dois sulcos apendiculares cimeiros, mas que, como bem mostra a fig. 28, mais deve ser considerado um sinal em cruz com um dos braços continuado em prolongamento arciforme descendente.

O grupo à direita do anterior é formado por dois cruciformes geminados pela continuação e coalescência dos ramos das cruces, um sinal em T, outro em barra com saliência mamilar na parte média do bordo superior, uma ferradura e três covinhas, duas das quais junto dos cruciformes, e a terceira por fora da convexidade do sinal em ferradura.

Estes sinais são posteriores aos litótribos sobre os quais foram picados e que destruíram em parte.

Ao observar a fotografia do molde feito de papel mata-borrão (Fig. 28) colhe-se a impressão nítida de duas técnicas. Uma de picado grosso, a outra de picado fino que parece mesmo ter sido parcialmente alisado por abrasão. Isto leva a pensar que na litostíctica houve duas fases, talvez mesmo dois níveis cronológicos.

Se é certo que alguns sinais em ferradura destruíram, como já disse, alguns litótribos, o certo porém é que as gravuras litostícticas se concentram num extremo da «pedra escrita» onde se nota a existência de um pequeno número de litótribos.

Os sinais em ferradura têm sido considerados por muitos autores como um grau de grande estilização da figura humana.

A adoptar-se este parecer, considerando base de «pedra escrita» o lado do seu pendor, temos de concluir que algumas figurações humanas estão de pernas para o ar.

Repetirei o que já atrás escrevi. Há que confessar nobre e corajosamente a triste limitação das nossas possibilidades, no estado actual dos nossos conhecimentos, ao procurar o significado dum grande número de siglas gravadas ou pintadas nas pedras que nos legaram antepassados remotos. Muitos deles terão talvez

significado ideográfico, ou até hieroglífico, por enquanto para nós desconhecido.

Interpretação das gravuras litotripticas da Pedra Escrita

São múltiplos os problemas postos em torno das gravuras rupestres e um deles é, precisamente, o de interpretar o seu significado.

Há gravuras que pela sua feição naturalista, quando por ex. representam figurações de pessoas e de animais ou só destes, se podem interpretar como cenas de caça ou símbolos animais destinados a práticas propiciatórias de caça.

Quando, porém, os sinais gravados são do tipo geométrico as dificuldades de interpretação avolumam-se.

Num conjunto, como o da «pedra escrita» de Ridevides, em que há algumas dezenas de sinais, muitos deles riscados num emaranhado entrecruzamento de sulcos, somos levados a crer que tudo aquilo foi feito ao longo dum vasto período de tempo.

De tempos a tempos um novo sinal seria gravado na pedra, muitas vezes sem respeitar a integridade do sinal anterior. E assim, a pouco e pouco, a pedra se foi enchendo de sinais. Afigura-se-nos lícito pensar que assim tenha sido.

Cada um dos sinais, na sua variedade de tipos, e dentro de cada tipo nas suas várias morfologias, em que certos pormenores devem corresponder, muito provavelmente, a significados próprios, cada um dos sinais, dizia, deve corresponder a uma ideia, deve exprimir uma atitude, deve ser o reflexo dum acto de vontade que determinou a sua feitura.

Cada um daqueles sinais deverá, provavelmente, ter um significado ideográfico, simbólico, quem sabe se até hieroglífico.

Mas a par da significação de cada um dos múltiplos sulcos e sinais que enchem a «pedra escrita», o todo deve corresponder

a uma profunda e ampla manifestação de um agregado populacional, unido por um sentimento comum.

Tal sentimento teria levado os seus indivíduos a riscarem na pedra sinais que, pertencendo é certo a tipos diferentes quanto à sua configuração obedeceram, todos (os do grupo das gravuras litotrípticas) à mesma técnica de fricção ou abrasão.

Como já dissemos, e o desenho da fig. 1 bem mostra, há algumas ferraduras que foram picadas na rocha, sobretudo num dos extremos do conjunto. Estas gravuras litostícticas foram picadas sobre alguns litótribos por elas parcialmente destruídos. Por isso se pode afirmar que os sinais em ferradura são posteriores e sê-lo-ão, seguramente, muito posteriores. Teriam sido feitos num período em que o significado cultural, mítico ou religioso dos litótribos subjacentes aos sinais em ferradura, se tinha esvaído ou, pelo menos, diminuído de importância.

Deixemos estas gravuras litostícticas e continuemos a ocuparnos do conjunto dos litótribos.

Olhando o desenho da fig. 1 e as fotografias das figs. 17 e 24 vê-se realçar uma figuração sub-rectangular bem delimitada por sulcos profundos, que são dos mais largos e mais profundos que há na «pedra escrita».

Esta figuração rectangular ou, melhor, em forma de portada, ocupa sensivelmente o meio de todo o conjunto (Fig. 1).

Somos tentados a analisá-la em separado.

A primeira ideia que nos surgiu ao procurar qualquer similitude arqueológica foi a de ver nela uma possível representação dum ídolo do tipo neolítico.

De facto o seu delineamento geral e as duas covinhas que ocupam os recantos superiores levam a pensar nas placas-ídolos, tão frequentes nos monumentos megalíticos portugueses e em algumas grutas do sul do país.

Se tal hipótese é plausível, o certo, porém, é que algumas covinhas de distribuição aparentemente irregular e a abertura inferior delimitada pelos lados desta figuração sub-rectangular são restrições que podem opor-se à hipótese de se tratar dum ídolo (1) do tipo das placas-ídolos.

Mas não podemos esquecer que em muitas estações de arte rupestre aparecem figurações animais que é lícito admitir como ligadas ao culto zoolátrico, e noutras figuram representações astrais que imediatamente levam a pensar no culto dos astros e nomeadamente do sol. Aliás ainda hoje, não só entre os povos primitivos como até em nações que atingiram certo grau de civilização, há muitos hábitos e velhos costumes populares em que transparece o culto do sol, da lua e das estrelas. Tais costumes e outras velhas tradições encobrem profundas raízes de remotas manifestações religiosas, ligadas a antigos cultos pagãos.

Pode pois, sem que tal seja considerado absolutamente improvável e reflexo de pura inventiva, considerar-se aquela representação sub-rectangular, situada sensivelmente a meio do conjunto das gravuras da «pedra escrita» de Ridevides, como um possível ídolo, do tipo das chamadas placas-ídolos, e até do tipo do ídolo neolítico.

(1) Este sinal idolíforme a que chamei sub-rectangular talvez seja melhor considerá-lo, por mais preciso, em forma de portada.

Os dois lados maiores representam as ombreiras da porta e o lado cimeiro a padieira. Note-se que noutra estação de gravuras rupestres de Trás-os-Montes, a «Fraga das Ferraduras» do sítio do Valongo, entre Belver e Fonte Longa, concelho de Carrazeda de Ansiães, aparece um sinal deste tipo em portada. Desta fraga publiquei uma fotografia na fig. 20 do meu citado trabalho *Arte rupestre*. As gravuras desta Fraga das Ferraduras são do tipo litostíctico, isto é, picadas na pedra rasante com a terra. No extremo da pedra, que na fotografia está em primeiro plano, vê-se o sinal em portada que, na Fraga das Ferraduras de Valongo, se pode também considerar como uma representação idolíforme.

Admitida esta hipótese, a «pedra escrita» seria uma espécie de santuário rupestre onde os crentes viriam realizar práticas culturais, deixando nela marcada a sua presença por sinais simbólicos ou ideográficos cujo significado preciso é difícil de apreender com segurança.

Não resistimos à natural tendência de emitir uma hipótese sobre o possível significado da «pedra escrita» de Ridevides, como um santuário rupestre. Mas é lícito perguntar.

A que astro ou astros seria dedicado o culto? E por que em vez de culto astral não seriam antes homenageadas divindades tutelares de outra natureza? Em que consistiriam os ritos ou práticas rituais destes cultos, se é que, de facto, tais cultos existiram?

A hipótese posta de se tratar dum santuário rupestre afigura-se-nos plausível.

No entanto, repito, é necessário dizer, nobre e corajosamente, a nossa triste limitação ao procurar o significado dum grande número de gravuras rupestres.

Nada impede contudo que, em coordenação de ideias e compilando elementos de vária ordem, se formulem hipóteses, que devem ser apenas consideradas como tais e não como verdades apuradas.

Como vimos, abundam na «pedra escrita» os sinais triangulares, que podem ser considerados como possíveis representações de pontas de seta.

Os sinais em xadrez, que também os há na «pedra escrita», têm sido considerados por alguns autores como escutiformes.

Admitidos para os triângulos e enxadrezados estes simbolismos, dada a coexistência na «pedra escrita» de pontas de seta e de escudos, pode pôr-se a hipótese de que aquela pedra tenha sido um monumento dedicado aos deuses ou espíritos da guerra. Ali se praticariam ritos tendentes a obter plena eficiência no

arremesso das setas e completa segurança na acção protectora dos escudos com que os homens se resguardariam quando atacados.

É mais uma hipótese, pode dizer-se.

O certo, porém, é que hipótese similar foi posta pelo Prof. Mendes Correia quanto a outra importante estação da arte rupestre trasmontana, o «Penedo de Outeiro Machado», situado no termo de Val d'Anta, junto da povoação da Aboboleira, e a 5 km a poente de Chaves. Neste penedo de granito com cerca de 350 sinais litostícticos nele insculpidos, alguns sinais foram interpretados pelo Prof. Mendes Correia como representando machados, o que concorda com a designação dada pelo povo à pedra, que na interpretação daquele Professor seria um monumento de culto ao machado.

Cronologia

Como escrevemos no trabalho *Arte Rupestre* (1), é de crer que os litótribos de Ridevides sejam muito remotos, talvez até neolíticos.

O problema da cronologia das gravuras rupestres apresenta sérias dificuldades.

É difícil, até muito difícil, no estado actual dos nossos conhecimentos, estabelecer com segurança a cronologia dum grande número, para não dizer da quase totalidade, das gravuras rupestres.

É certo que pela natureza dos sinais, seu grau de maior ou menor naturalismo, sua maior ou menor estilização, numa palavra, pela sua morfologia, estudada comparativamente com pinturas de grutas e cavernas, com motivos ornamentais de cerâmica

(1) J. R. dos Santos Júnior, *Arte Rupestre*, cit., pág. 46 da separata.

pré e proto-histórica, e com instrumentos de vária natureza, se podem formular hipóteses tendentes a estabelecer provável sucessão cronológica. Não é menos certo, porém, que essas tentativas só podem, e não em todos os casos, garantir-nos uma cronologia relativa, e esta num grau de aproximação de grande amplitude.

Razão tinha o ilustre pré-historiador galego Dr. Sobrino Buhigas, verdadeiro especialista na arte rupestre do noroeste peninsular, e especialmente da Galiza, quando escreveu: «Attamen per multa petroglypha manent quibus difficillimum est tempus certum stabilire» (1).

A semelhança de muitos sulcos da «pedra escrita» com sulcos idênticos que têm sido considerados como afiadores de machados neolíticos, pode levar a admitir a hipótese de se lhe atribuir uma remota cronologia neolítica, se bem que não seja de pôr inteiramente de parte a sua menor antiguidade, localizando-os na idade do bronze, durante a qual foram erguidos os monumentos megalíticos, antas ou dólmenes, menhires, etc. cujo início se fixa à roda do ano 2500 a. C.

Experiências realizadas por vários pré-historiadores mostraram que os instrumentos de cobre e até os de bronze prontamente se embotam ao percutir o granito e outras rochas duras, quando se tenta experimentalmente fazer nelas insculpturas. Em certos casos, com pedras acuminadas, consegue-se mais e melhor do que com instrumentos de qualquer dos dois referidos metais. Os instrumentos de ferro, dada a sua maior dureza, oferecem boas condições para fazer as gravuras.

Isto, porém, não quer dizer que, por tal motivo, todas as gravuras sejam da idade do ferro, como não pode pôr-se de parte a sobrevivência do emprego de instrumentos de pedra no decurso

(1) R. Sobrino Buhigas, *Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*, cit.

da idade dos metais, como o comprovam uma infinidade de achados.

As considerações que acabamos de fazer provam a justeza da afirmação feita pelo Dr. Sobrino Buhigas de que, para muitas gravuras rupestres, é muito difícil estabelecer a sua cronologia com certo grau de acerto.

Estudo comparado da Pedra Escrita

Como vimos as gravuras da «pedra escrita» são do tipo a que chamei litotríptico isto é, obtidas por abrasão, maneando de encontro à pedra um instrumento duro e afilado, em repetido movimento de vaivém.

A comparação terá pois de fazer-se com gravuras do mesmo tipo, isto é, obtidas por litotripsia.

Deste tipo conhecemos em Trás-os-Montes a «Pedra Escrita do Poço da Moura», na margem direita e à borda da ribeira da Vilariaça, no termo de Assares, concelho de Vila Flor, distante cerca de 1 km da «pedra escrita» de Ridevides, e a «Pedra Escrita» ou «Fraga dos Fusos», situada na vertente leste da serra de Nogueira, concelho de Bragança, perto do caminho que da aldeia de Sortes leva ao alto, à Senhora da Serra.

Da primeira publicamos uma fotografia de conjunto (a fig. 19) no nosso já citado trabalho *Arte rupestre*. Nela predominam gravuras litostíficas, especialmente ferraduras. Os litótribos ali são poucos, e simples sulcos quer isolados quer em conjuntos paralelos.

A «Pedra Escrita» ou «Fraga dos Fusos» estudei-a há uns 30 anos. Na primeira oportunidade esperamos fazer dela uma publicação integral.

O Padre Francisco Manuel Alves, ilustre Abade de Baçal, a págs. 657-658 do vol. IX das suas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, ocupa-se da «Pedra Escrita» ou

«Fraga dos Fusos», e publica 3 desenhos esquemáticos das suas gravuras litotrípticas. Por eles se vê que os sinais gravados são formados por um sulco linear tendo numa das suas metades gravada uma figura sublosângica ou subelíptica, que o sulco atravessa segundo o seu eixo maior (1).

O povo vê em cada um destes sinais a representação esquemática dum fuso com a respectiva maçaroca e daí o nome de «Fraga dos Fusos» que dá à pedra, em paralelo com nome de «Pedra Escrita» ou «Pena Escrita».

Nem uma nem outra destas duas estações de gravuras litotrípticas trasmontanas se pode pôr em paralelo com a de Ridevides. São apenas tènicamente similares por serem todas do tipo litotríptico, mas inteiramente diferentes pela natureza das respectivas gravuras. Mas já o mesmo não sucede com as gravuras litotrípticas da «Pedra Letreira», do monte da Fonte Fria (2), em termos da povoação dos Amieiros, freguesia de Álvares, concelho de Góis.

A «Pedra Escrita de Ridevides» e a «Pedra Letreira» da Fonte Fria ou dos Amieiros uma e outra rasando a terra, uma e outra cheias de litótribos, que, num e noutro aspecto, apresentam notáveis semelhanças, estão intimamente ligadas pela morfologia geral, pela técnica e até, talvez, pelo seu significado.

Há, é certo, diferenças que as caracterizam mas, essencialmente, estas duas notáveis estações da arte rupestre são, em muitos pontos, duma semelhança flagrante.

Correspondem uma e outra, muito provavelmente, ao mesmo ciclo de cultura.

(1) Sinais similares existem nas gravuras litotrípticas de Puerta del Gamo.

(2) João de Castro Nunes, A. Nunes Pereira & A. Melão Barros, *A Pedra Letreira*, in «Memórias Arqueológicas do Concelho de Góis», I, Publicação do Museu da Câmara Municipal de Góis, Góis, 1959, 36 págs., 13 figs., 1 estendido e X Ests., com mais 14 figs.

Na «pedra letreira» de Góis, há umas 14 ou 15 insculpturas triangulares, algumas das quais, pelo menos duas, o Dr. Castro Nunes e os seus colaboradores consideram como representando alabardas de sílex. Hipótese plausível. Os triângulos menores serão o desenho de pontas de seta.

Na «pedra letreira» predominam os sinais rectangulares que, no desenho publicado, se contam em número de 27 ou 28, e mais, — e à parte os conto para os realçar, — dois belos escuti-formes insculpidos ao lado do arco e flecha que os autores consideram como apontada a uma figura antropomorfa.

Aludo a esta figura por o Dr. Castro Nunes e seus colaboradores a darem sobreponível à figura rectangular de Ridevides que consideramos idóliciforme (Fig. 24).

A figura da «pedra letreira» considerada antropomorfa é descrita como «um rectângulo um tanto ou quanto irregular» e nele inscrita «uma figura constituída por um triângulo isósceles com um dos lados maiores prolongado em sentido oposto à base, ligeiramente arqueada, como aliás o correspondente lado do rectângulo envolvente, figura que por seu turno encerra um segundo triângulo bastante mais pequeno, mas na mesma posição, com a particularidade de, neste caso, serem os lados maiores os arqueados e rectilínea a base. Um traço ao meio divide este último em sentido longitudinal».

Arrimados a «uma ligeira parecença» com a «figura antropomorfa» da penha de Conjo ⁽¹⁾, a dois km de Santiago de Compostela, na Galiza, parecença que consideram sugestiva, os autores vêem naquele rectângulo com dois triângulos inscritos «uma espécie de máscara ou figura humana».

(1) Reproduzem na fig. 9 do seu trabalho, pág. 27, o aspecto parcial do petroglifo de Conjo estudado e publicado por E. MacWhite, in *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la edad del Bronce*, 1951.

É bem sabido até que ponto pode ir a esquematização da figura humana. No entanto, e embora se acobertem numa, por assim dizer, defensiva da audácia da sua interpretação, escrevendo que aquela figura da «pedra letreira» «evoca-nos de longe, na sua estilizada esquematização» a figura de Conjo (1), não creio no acerto de tal interpretação.

Além disso a figura de Conjo (Fig. 23) foi interpretada por R. Sobrino como um escutiforme, interpretação que se afigura mais plausível.

Baseando-se numa fotografia dum molde da figuração rectangular de Ridevides, que eu suponho poder considerar-se um idolo do tipo neolítico, fotografia publicada num pequeno trabalho (2) que apresentei ao Congresso Espanhol de Arqueologia,

(1) Visitei em Junho de 1963 o Castro do Conjo, ou melhor Conxo, nome da freguesia ligada a Santiago de Compostela do lado do Sul. O Castro fica a uma escassa centena de metros da estrada que de Santiago vai para Pontevedra, e a pouco mais de 1 km de Compostela.

No alinhamento da muralha do reduto cimeiro do Castro, e do lado do Sul, há um rochedo de granito ao rés da terra que os habitantes conhecem pelo nome de «Peneda da Choupana».

Neste rochedo há gravuras rupestres litostícticas (Fig. 22) representando punhais de folha larga, séries de traços paralelos e uma estranha figura que MacWhite publicou in *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Peninsula Hispánica en la edad del Bronce*, Madrid, 1951 (apud João Castro Nunes et alium, *A Pedra Letreira*, cit., pág. 27), e considera «figura antropomorfa» e R. Sobrino um escutiforme.

É bem possível que o significado desta estranha gravura, que reproduzo nas figs. 22 e 23, seja outro. É também possível que noutra oportunidade, com o distinto investigador galego Dr. Fermin Bouza-Brey, voltemos a ocuparmos das gravuras de Conxo.

(2) J. R. dos Santos Júnior, *Algumas considerações sobre Arte Rupestre*, in actas do «III Congreso Arqueológico Nacional, Galicia», 1955, Zaragoza, 1955, págs. 535-540, 4 figs.

realizado na Galiza em 1953, o Dr. Castro Nunes e os seus colaboradores vêm na «pedra escrita de Ridevides» uma réplica da figura rectangular da «pedra letreira», figura que pretendem seja uma representação antropomorfa.

No seu trabalho ⁽¹⁾ e sobrepondo-se à figura 10, da fotografia que havíamos publicado, dão em traços vermelhos as linhas principais da figuração rectangular idoliforme de Ridevides. Há uma, por assim dizer, homologia entre estas linhas e as do rectângulo da «pedra letreira» suposto antropomorfo.

Há que confessar que é engenhosa a comparação.

Registe-se, porém, que na figura da «pedra escrita» de Ridevides não há propriamente triângulos mas sim ângulos e, mais ainda, um dos lados do ângulo incluso, o lado à direita, de quem olha a figura, não é um sulco feito por abrasão como os outros, mas sim uma falha ou estaladela da rocha.

Confessamos que não nos convence a hipótese antropomorfa do rectângulo da pedra letreira com seus triângulos inscritos, onde os autores chegam a «notar a forma especial dada à representação do nariz».

No que estamos inteiramente de acordo com os autores é naquilo que escreveram nas págs. 29 e 30 do seu trabalho quanto à similitude entre as gravuras da «pedra letreira» da Fonte Fria e a «pedra escrita» de Ridevides. Similitudes não no caso particular da da figura rectangular da «pedra letreira», — quanto a nós impròpriamente considerada antropomorfa —, e o idoliforme de Ridevides, mas no aspecto geral das duas estações litoglíticas e numa ou noutra particularidade. Há ainda concordância no que respeita a algumas das figuras gravadas.

(1) João Castro Nunes, A. Nunes Pereira & Melão Barros, *A Pedra Letreira*, cit., pág. 28 e segs.

Razão há para afirmar, transcrevendo o que se lê nas referidas págs. 29 e 30, que há «uma íntima e directa relação entre os litótribos do monte da Fonte Fria e de Ridevides, nos quais, por conseguinte hemos de ver a expressão petroglífica de uma intenção comum ou de uma semelhante inquietação espiritual, gerada em âmbitos ou horizontes culturalmente afins, se é que não idênticos».

Nisto sim, estou completamente de acordo com o Dr. Castro Nunes e seus colaboradores. A «pedra letreira» e a «pedra escrita» são dois monumentos estreitamente vinculados.

Resta falar do petroglifo de Puerto del Gamo, da região de Placência (Cáceres) que foi descoberto e estudado por M. Sayáns Castaños (1).

O petroglifo de Puerto del Gamo é constituído por um rochedo de xisto, rasante com a terra, em forma de elipse com 1,50 m de comprimento do seu eixo maior e 1,25 m do menor, e nele insculpido um notável conjunto de gravuras litotrípticas. Situa-se esta rara estação da arte rupestre peninsular, a 2200 m de Casas de Palomero, à borda da estrada que leva de Mochedas a Placência, província de Cáceres. O Dr. Sayáns na descrição cuidada que faz dos vários sinais gravados na pedra, separa as seguintes categorias. Duas prováveis figuras humanas estilizadas; um esquema idoliforme; uma figura idoliforme; uma figura bitriangular, que considera como ídolo-placa; duas representações soliformes; vários sinais em grade e um escalariforme que considera como tectiformes, ou, como escreve, «signos representativos de viviendas»; várias representações de armas.

Neste último particular, que nos interessa de maneira muito especial, o A. aponta as seguintes esquematizações de armas. Duas

(1) M. Sayáns Castaños, *Petroglifos en la Alta Extremadura* in «Alcântara», XII, abril-junio de 1956, Cáceres, 1956, págs. 57-66, 7 figs.

ou três lanças ou alabardas; mais de uma dúzia de pontas de seta ou de flechas, uma destas com o respectivo arco.

O grande número de pontas de seta e as duas ou três lanças ou alabardas são a repetição, digamos, daquilo que sucede com a «pedra letreira» do monte da Fonte Fria e com a «pedra escrita» de Rídevides, se considerarmos nesta como representando pontas de seta os sinais triangulares nela existentes a que atrás se alude.

O Dr. Sayáns, baseado sobretudo nos tipos de lanças ou alabardas insculpidas, localiza cronologicamente o petroglifo de Puerto del Gamo entre o Bronze I e II, podendo, por isso, enquadrá-lo aproximadamente entre os anos 2 000 e 1 700 a. C., segundo a classificação de Bosch-Gimpera.

Deste petroglifo, que reproduzem na fig. 13 do seu trabalho, o Dr. Castro Nunes e os seus colaboradores dizem, a pág. 34, que quem gravou as insculturas da «pedra letreira» do monte da Fonte Fria «foi sem dúvida também quem na «roca de esquito» de Puerto del Gamo, em cenários irmanados pelas mesmas condições telúricas, gravou as insculturas que fizeram daquele rochedo, no dizer de Sayáns Castaños «el santuario rupestre más significativo que tuvo toda esta comarca y region hurdana».

A seguir, na pág. 35, especificam ou esclarecem que o «quem», alusivo aos gravadores, personifica o complexo humano «que naquelas garatuñas nos deixou fossilizados, por assim dizer, pedaços do seu espírito, que temos hoje ainda a sensação, ou ilusão, de captar no entranhável sortilégio da natureza circundante».

Outra estação de gravuras litotripticas conhecida em Portugal é a de Molelinhos, em Vale de Besteiros, na vertente da Serra do Caramulo, da qual o Dr. Russel Cortez faz rápida descrição no seu trabalho *Contribución al estudio de la protohistoria de los «Lusitani» (entre el Duero y el Tajo)*, e dela publicou duas fotogra-

fias, nas figs. 1 e 2 deste trabalho (1). Dele respigamos as notas que se seguem.

As insculpturas de Molelinhos estão gravadas numa pedra de xisto de 7 m de comprimento por 2 de largura, voltada a nascente e com uma inclinação de 45°. Nesta pedra está gravada «uma extensa série de petroglifos, entre os quais predominam as representações esquemáticas de armas e utensílios agrícolas, e nos deixam entrever os enxadrezados e os círculos concêntricos, já conhecidos dos santuários rupestres do Arestal e de Serrazes».

Segundo o Dr. Russel Cortez «la representación de puñales y hachas de piedra puede considerarse evidente, si bien podemos interpretar estas armas como supervivientes en épocas posteriores. De todos modos el puñal triangular, característico del Eneolítico está claramente representado, dados los paralelismos que pueden ser establecidos con los similares objetos metálicos».

Noutra passagem, pág. 93, diz que entre os muitos sinais das gravuras de Molelinhos há «diversos ex-votos pré-históricos muito semelhantes na sua intenção e na sua ideografia aos do Val des Merveilles, entre 2 000 e 2 700 m de altitude, na região de Tende, proximidade de Mont Clapier».

(1) F. Russel Cortez, *Contribución al estudio de la protohistoria de los «Lusitani» (entre el Duero y el Tajo)*, in «Archivo Español de Arqueología», primer semestre, Madrid, 1955, págs. 90 a 101, 5 figs. Deste trabalho escrito em língua espanhola, traduzimos algumas passagens.

Aproveitamos o ensejo para agradecer ao Dr. Russel Cortez o envio de 11 fotografias directas da pedra de Molelinhos que, como é natural, são pouco objectivas e a que falta escala, ou objecto de uso corrente indicador de dimensões. Para uma boa reprodução de gravuras rupestres, e nomeadamente litotrípticas, o melhor processo é fazer o molde em papel mata-borrão, fotografá-lo e tirar a prova ao invés, isto é, pela face que não tem gelatina. Foi o que fizemos para as gravuras de Ridevides, cujas fotografias se reproduzem nas figs. 24 a 34.

Mais adiante, pág. 96, escreve: «Contrariamente a lo sucedido en los santuarios alpestres, aparecen gravados entre los ex-votos de Molelinhos varias hocitas idénticas en tipología a los prototipos metálicos, instrumentos agrícolas de bronce que conocemos como frecuentes y peculiares de la región ligur y del sur de Francia».

Estranha o não aparecimento de gravados representando alabardas, e emite o parecer de que a pedra de Molelinhos deve ter tido um significado religioso.

Quanto à cronologia supõe que os petroglifos devem ter-se iniciado nos princípios da idade do Bronze I, no período chamado Neo-eneolítico, e o seu apogeu corresponderia ao Bronze II, consequentemente ao segundo milénio a. C.

As duas fotografias publicadas não têm indicação de escala, por isso o estudo comparado não pode fazer-se com segurança. Aguardemos que o Dr. Russel Cortez faça o estudo integral desta notável estação da arte rupestre peninsular, a que ele chama «la grandiosa manifestación de arte prehistórico de Molelinhos».

Entretanto, em face do que está publicado, e embora as gravuras de Molelinhos sejam litotrípticas, dada a natureza dos sinais gravados, e nomeadamente a representação de foicinhas, Molelinhos parece ter muito menos semelhança com Ridevides do que a «pedra letreira» dos Amieiros.

Há de comum nestas três estações litotrípticas portuguesas a circunstância de em todas elas haver ampla representação de armas, no entanto diferentes quanto aos tipos de armas representadas, que são: pontas triangulares de seta ou flecha, arco e flecha, punhais, alabardas e machados de pedra.

Em Ridevides são numerosas as gravuras triangulares que podem considerar-se como representação de pontas de seta triangulares de base recta; não há litótribos que se possam considerar como representação de alabardas.

Na «pedra letreira» dos Amieiros, segundo interpretação do Dr. Castro Nunes e seus colaboradores, há alabardas e pontas de seta, algumas destas de base convexa.

Nas gravuras de Molelinhos, segundo parecer do Dr. Russel Cortez, não há alabardas mas sim «punhais triangulares característicos do Eneolítico» e foicinhas idênticas aos prototipos metálicos, instrumentos agrícolas de bronze, frequentes na região ligur e no sul da França.

Em face desta diversidade de representações parece poder atribuir-se a Ridevides uma cronologia relativamente mais recuada do que Amieiros, e esta, provávelmente, mais antiga do que Molelinhos.

Em resumo, e depois da rápida análise comparada das estações litotrípticas peninsulares, pode dizer-se: — Tudo leva a crer que a «pedra escrita» de Ridevides, a «pedra letreira» do monte da Fonte Fria ou dos Amieiros, os petroglifos de Molelinhos e as gravuras de Puerto del Gamo correspondem a um mesmo ciclo cultural que, provávelmente, se estendeu do neolítico ao eneolítico e primeiras idades dos metais, e que, dum modo geral, podemos classificar como neo-eneolíticas.

Ir mais além no tentâmen cronológico, em face do grau de esquematização de algumas gravuras, é empresa temerária que, como o Dr. Castro Nunes e os seus colaboradores escreveram a pág. 35 do seu citado trabalho, «levaria certamente a embater no parcel da fantasia», pecado em que devemos fazer todo o possível por não incorrer.

As considerações de carácter mais apurado são temerárias, dado o facto de os estudos das gravuras rupestres não terem ainda atingido uma extensão e uma maturação compatível com afirmações mais concretas.

Lendas e tradições

Em contraste com o que se passa com alguns sítios das cercanias de Ridevides, sítios de maior ou menor interesse arqueológico, não conseguimos averiguar qualquer lenda ou tradição referente à «pedra escrita» de Ridevides.

Acerca, por exemplo, duma velha fonte que havia perto de Vilarelhos, povoação que fica a norte e a uns dois ou três quilómetros da Quinta de Ridevides, fonte chamada «Fontela da Moura» que foi arrasada pelas trovoadas, corre a lenda de que «ali aparecia um encanto misto de cobra e de mulher, sendo mulher da cinta para cima, e para trás corpo de cobra».

Do «Castro de Sampaio», que fica perto e do outro lado da ribeira da Vilariça, constam várias lendas.

Assim, à meia-noite de certos dias, e nomeadamente do dia de S. João, «ouve-se tecer um tear de ouro».

No sítio das Lameiras, que fica na base do monte do Castro, há muitos anos, na manhã do dia de S. João, um caçador de Róios ali passou e viu um estendal de figos secos, dos quais apanhou uns poucos e meteu ao bolso. Ao entrar na igreja para a missa, meteu a mão no bolso, e verificou, pasmado, que os figos se tinham transformado em ouro.

No mesmo sítio da Lameira, um dia, uma mulher ali passou com uma filhinha ao colo e apareceu-lhe um encanto metade mulher e metade cobra, que lhe pediu para deixar dar um beijo na boca da menina. A mulher fugiu espavorida; o encanto voltou a aparecer-lhe mais adiante a cantar em cima duma parede. A mulher, aflita, com a filhinha bem aconchegada, correu para a povoação a bom correr, onde contou, aterrada, o encontro que tivera. Se tivesse deixado dar o beijo na filhinha quebrava o

encanto àquela sereia, — julgo podermos assim chamar-lhe —, mas isso tirava o baptismo à menina.

Ainda no mesmo sítio da Lameira, diz-se que estão enterradas duas grandes talhas, uma de dinheiro e outra de alcatrão e enxofre. Quem topar com a do dinheiro fica muito rico. O perigo está em topar com a segunda talha, porque se tal se desse «ardia meio mundo».

Cito estas lendas para mais realçar o facto de nada termos colhido quanto à «pedra escrita».

A única informação que registamos foi a seguinte: «sempre se tem dito que foram os pastorinhos que fizeram aquilo».

Ridevides, hoje, é habitada apenas pelo lavrador caseiro da mesma e sua família. Há várias ruínas que se diz terem sido de sete famílias ali residindo noutros tempos. É tradição que ali havia «sete senhoras de manto». O actual proprietário da quinta, Sr. Mário Mendonça, informou-me que em tempos contara sete fornos; tal facto, diz a tradição, marca a animosidade que havia entre as sete famílias, «tão pouco amigas, que nenhuma ia pedir lume aos outros».

Ao lado há um cabeço chamado dos «asnos», por, diz-se, para ali se deslocarem os rapazes das povoações vizinhas com o intuito de admirarem as «sete senhoras de manto», num pasmo asnático.

A Quinta de Ridevides, como hoje é designada, teria sido uma velha e pequena povoação que, nos documentos antigos, figura com o nome de Ridevides.

Conclusões

A pedra escrita de Ridevides, de xisto, é um documento da arte rupestre trasmontana do tipo litotríptico;

está situada no vale da Vilarica, na Quinta da Ridevides, termo da aldeia de Santa Justa, freguesia da Eucisia, concelho de

Alfândega da Fé, na margem esquerda da Ribeira da Vilarica e dela distante cerca de 200 m ;

na sua superfície lisa, que rasa com a terra e é pendente para sudoeste, há gravados grande número de sulcos, mais ou menos largos e mais ou menos profundos, simples, paralelos, convergentes ou entrecruzados, por vezes num tal emaranhado que é difícil isolar ou individualizar os vários sinais ;

predominam os litótribos, isto é, sinais obtidos por abrasão ou desgaste do xisto por manejo de instrumento duro terminado em gume ou ponta ;

há, no entanto, alguns sinais de tipo litostáltico, isto é, picados no xisto, os mais deles em forma de ferradura ;

destes litostálticos alguns foram picados sobre litótribos preexistentes que ficaram em parte danificados o que permite, como é lógico, atribuir a estes uma maior antiguidade ;

no conjunto, e sensivelmente a meio, avulta um sinal rectangular ou em portada, para o qual admitimos a hipótese de se tratar de um idoliforme ;

considerando os muitos sinais triangulares como representação de pontas de seta ou de flecha, e os enxadrezados como escutiformes, a pedra escrita de Ridevides seria um santuário rupestre, possivelmente dedicado aos deuses da guerra, onde os homens realizariam actos de culto implorando eficiência plena nas setas disparadas e protecção segura nos escudos defensivos ;

é difícil estabelecer com segurança a cronologia da pedra escrita podendo, no entanto, dizer-se que os seus litótribos são muito provavelmente do neo-eneolítico e os seus litostálticos talvez já da idade do ferro ;

das três estações similares litotripticas portuguesas referidas, a saber: Ridevides, dos Amieiros e de Molelinhos, a primeira deve ser a mais remota.

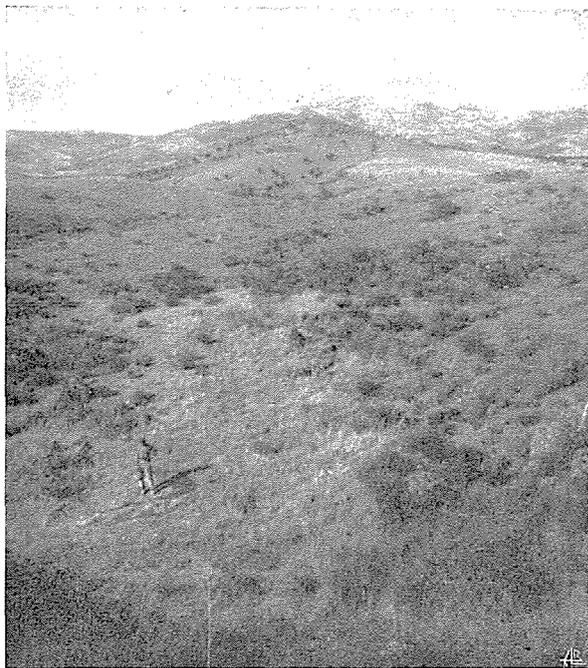


Fig. 3 — Vista parcial do alto do vale da Vilarica. No primeiro plano e à esquerda a «pedra escrita» n.º 1 indicada pelo homem.



Fig. 4 — A «pedra escrita» n.º 1 no primeiro plano. No segundo plano o homem indica a pedra n.º 2.



Fig. 5 — A «pedra escrita» n.º 1. Note-se o sulco que a divide de lá para cá e as manchas claras dos líquenes.



Fig. 6 — Aspecto da faixa média da «pedra escrita». O relógio que se vê a meio da gravura, e que, nesta e nas seguintes fotogravuras está a indicar dimensões, tem 48 mm de diâmetro.



Fig. 7 — Fotografia do sinal rectangular, ou em portada, que pode considerar-se um idoliforme. Esta fotografia, embora tirada com luz rasante de fim de tarde, é menos demonstrativa de que a do molde de mata-borrão da fig. 24.



Fig. 8 — Pormenor da figura anterior. Em baixo e à direita grupo de traços paralelos; por cima destes, dois sinais em xadrez; à esquerda a extremidade dum escalariforme.



Fig. 9 — Pormenor da porção esquerda da fig. 7 mostrando um escalariforme de 18 ou 19 degraus.



Fig. 10 — Pormenor da metade inferior da fig. 6.



Fig. 11 — Pormenor do bordo, sensivelmente a meio, da metade inferior da «pedra escrita».

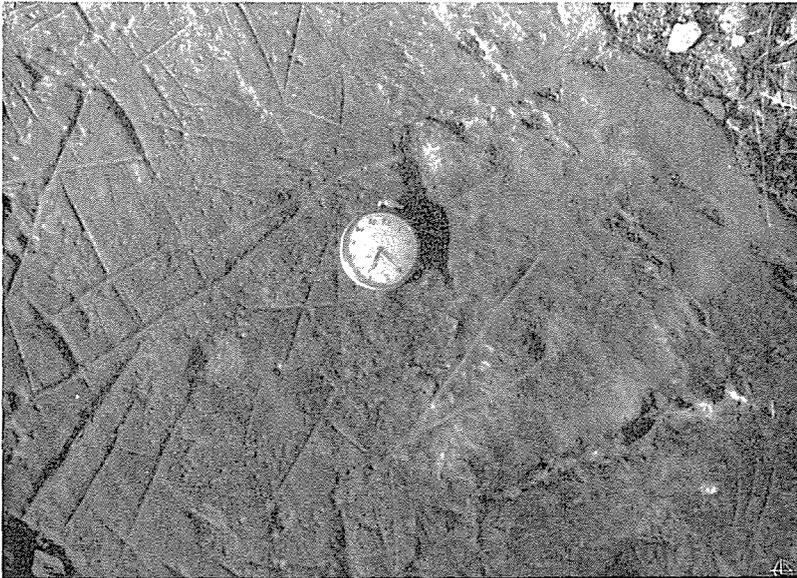


Fig. 12 — Pormenor do recanto superior direito da metade superior da «pedra escrita».

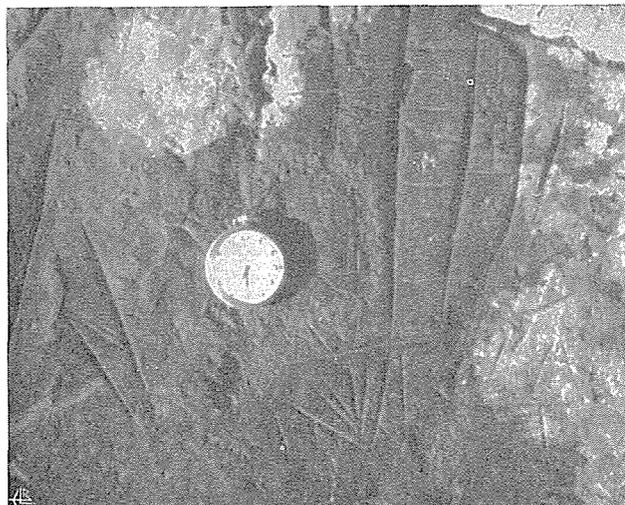


Fig. 13 — Na parte inferior e a meio um sinal triangular complexo ;
em cima e à direita três escalariformes emparelhados.



Fig. 14 — Sinal triangular complexo,
tendo no vértice uma covinha e um
longo sulco irradiante da base.



Fig. 15 — Conjunto do extremo direito da
metade inferior com sinal em grade ou
xadrez conjugado com quatro sulcos empa-
relhados à direita.



Fig. 16 — Gravuras triangulares do recanto inferior direito da metade inferior da «pedra escrita».

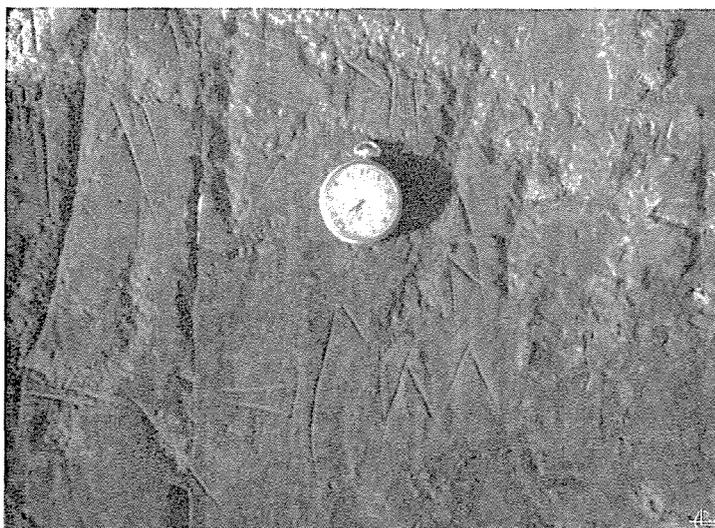


Fig. 17 — Grupo de gravuras do bordo inferior da metade esquerda da porção inferior da «pedra escrita». Este mesmo conjunto vai reproduzido na fig. 21 com os sinais litosticticos avivados a carvão.

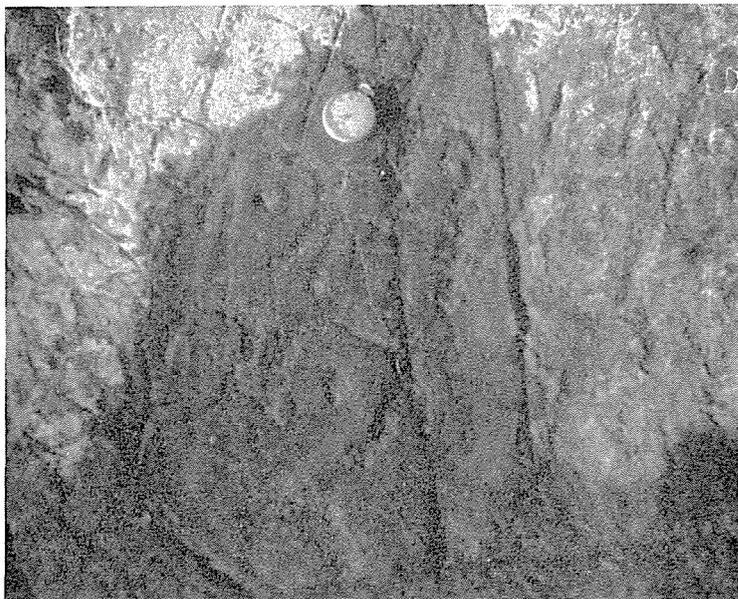


Fig. 18 — Gravuras litostícticas fotografadas com luz rasante de fim de tarde. Comparando esta fotografia com a da fig. 28, do molde destas gravuras feito de papel de chupar, é manifesta a superioridade da segunda.



Fig. 19 — As mesmas gravuras da figura anterior depois de riscadas com carvão.



Fig. 20 — Gravuras litostícticas do recanto inferior esquerdo da metade inferior da «pedra escrita», avivadas a carvão.

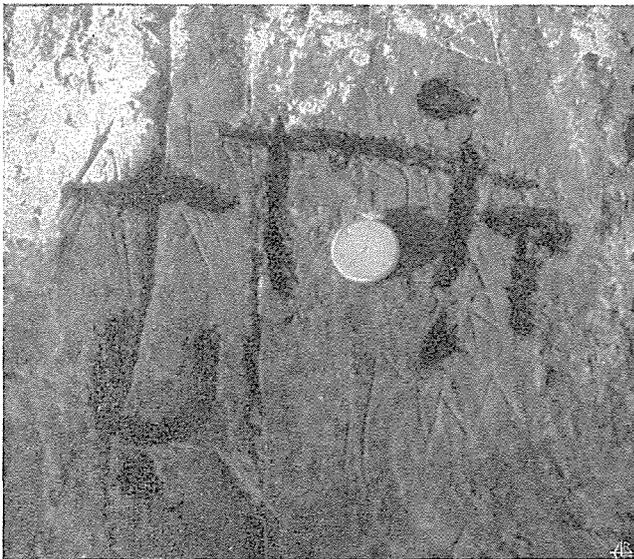


Fig. 21 — Grupo da direita da fig. 20 com as gravuras litostícticas riscadas a carvão. Notam-se alguns sulcos dos litótribos anteriores em parte danificados.



Fig. 22 — «Peneda da choupana» no alinhamento da muralha do Castro de Conxo, cerca de Santiago de Compostela, com gravuras rupestres.



Fig. 23 — Pormenor da fig. anterior reproduzindo, depois de avivada a carvão, a figura que Castro Nunes e seus colaboradores, no seguimento de MacWhite, consideram antropomórfica e Sobrinho supunha representar um escutiforme. Esta figura tem 1^m,23 de comprimento por 0^m,55 de largura máxima. À esquerda a fita métrica está estendida 30 cm.



Fig. 24 — Esta figura e todas as que se seguem são reprodução fotográfica de moldes tirados com papel de chupar ou mata-borrão.



0 5 10 15 20 cm

Fig. 25 — Recanto inferior esquerdo da metade superior da «pedra escrita».

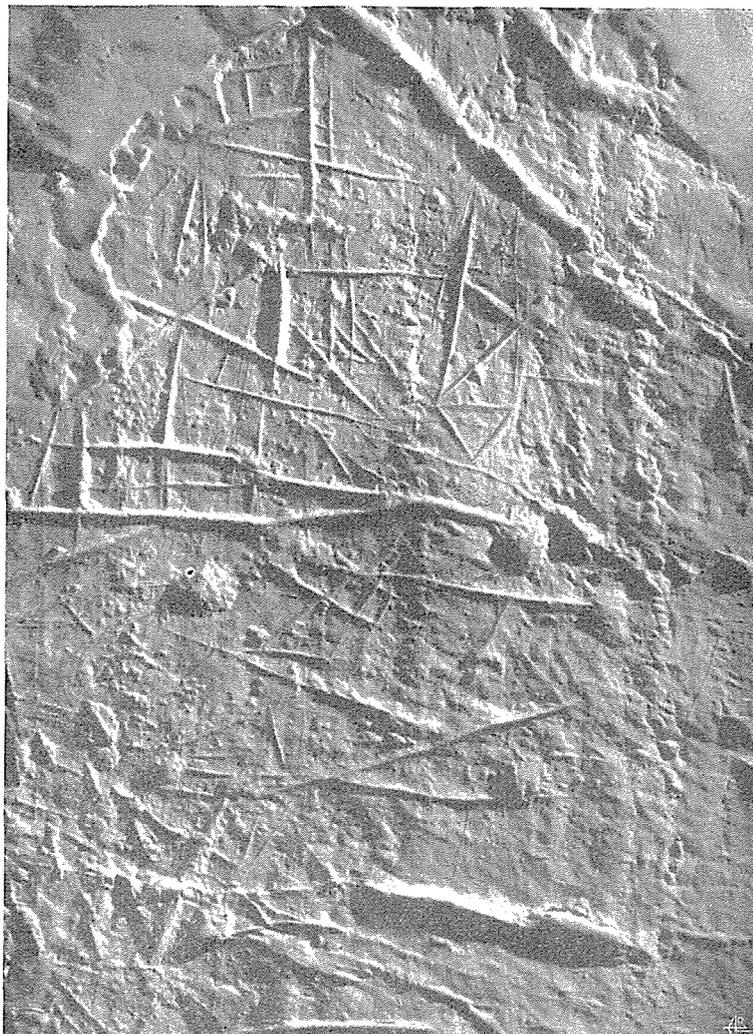


Fig. 26 — Recanto superior direito da metade superior da «pedra escrita».



Fig. 27 — Recanto inferior direito da metade superior da «pedra escrita».



Fig. 28 — Gravuras litostícticas do recanto inferior esquerdo da metade inferior da «pedra escrita». Esta gravura mostra bem a excelência do método dos moldes em papel de chupar, comparando-a com as figs. 18 e 19.



0 5 10 15 20cm

Fig. 29 — Gravuras da porção média do bordo inferior da metade inferior da «pedra escrita».



0 5 10cm

Fig. 30 — Pormenor na porção esquerda da metade inferior da «pedra escrita», mostrando um escalariforme em parte destruído pela ferradura litostictica que sobre ele foi picada.



Fig. 31 — Como na fig. anterior, também neste grupo, da extremidade esquerda da «pedra escrita», uma ferradura foi picada sobre um escalariforme.



Fig. 32 — Pormenor da zona média da metade inferior da «pedra escrita», junto do sulco que atravessa a pedra ao través e a divide em duas metades, uma superior e outra inferior.

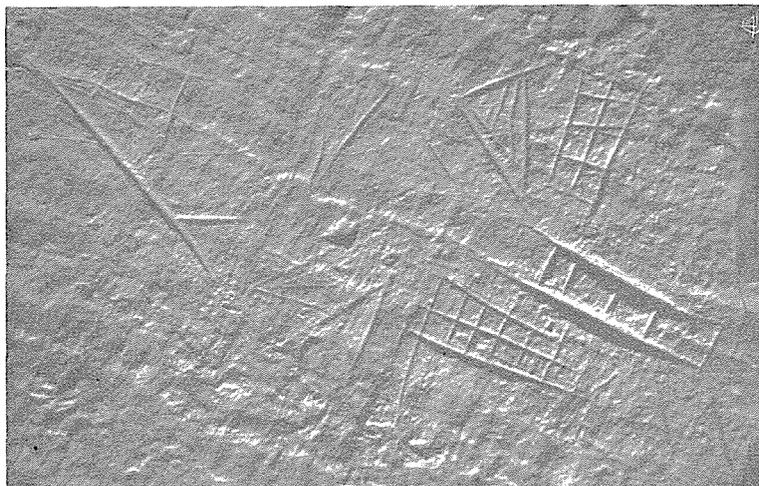


Fig. 34 — Grupo de gravuras da pedra n.º 2.

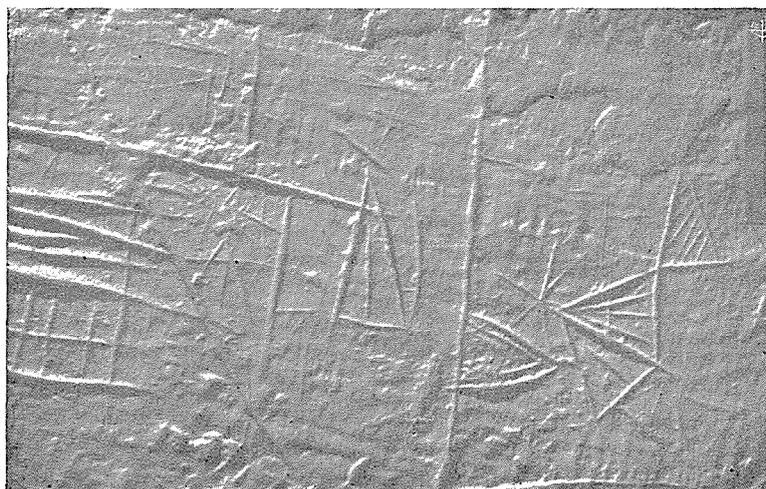


Fig. 33 — Grupo de gravuras do recanto inferior direito da «pedra escrita».